

## A revista “O Momento Feminino”, pioneira na celebração do Dia Internacional da Mulher no Brasil

Izabel Santa Fé<sup>1</sup>

(Orientador: Prof. Felipe de Almeida Costa<sup>2</sup>)

**Resumo:** O artigo examina e discute as primeiras referências ao “Dia Internacional da Mulher” na imprensa brasileira e o destacado papel pioneiro de “O Momento Feminino” para o estabelecimento da comemoração dessa data no Brasil. “O Momento Feminino” (inicialmente semanal, depois mensal) foi fundado (em 1947) e dirigido por Arcelina Mochel (e outras mulheres do partido Comunista Brasileiro).

**Palavras Chave:** Dia Internacional da Mulher. Feminismo. “O Momento Feminino”. Arcelina Mochel.

**Abstract:** This article is on the earliest mentions of Women’s International Day in Brazilian Press and the outstanding pioneer role of the “O Momento Feminino” for the celebration of this date. “O Momento Feminino” (initially weekly / afterward monthly) was founded (in 1947) and directed by Arcelina Mochel (and other women of the Brazilian Communist Party).

**Keywords:** Women’s International Day. feminism. “O Momento Feminino”. Arcelina Mochel.

### 1. Introdução

Este artigo pretende examinar os antecedentes do estabelecimento do Dia Internacional da Mulher (DIM) no Brasil, a luta na qual se destacou – desde sua fundação em 1947 – o periódico “O Momento Feminino” (OMF) e uma de suas fundadoras e principais diretoras: Arcelina Mochel.

Para tanto, além das demais referências bibliográficas, contamos com a ferramenta de busca “Hemeroteca Digital Brasileira” da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que dá acesso a milhares de periódicos, entre eles a coleção completa de “O Momento Feminino”.

Do ponto de vista pessoal, emprender esta pesquisa foi uma verdadeira iniciação científica, na qual aprendi muito: por exemplo a manejar a magnífica Hemeroteca Digital da BN<sup>3</sup>.

### 2. O Dia Internacional da Mulher

Hoje, a luta pelos direitos da mulher está muito ligada à palavra “empoderamento”. Se tomarmos como referência o jornal “O Estado de S. Paulo” (site do Acervo), a palavra “empoderamento” (neologismo para *empowerment*) só aparece inicialmente duas vezes (em 2009 e 2010) e, aplicada às mulheres, ao

---

<sup>1</sup>. Aluna do 3º. ano do Ensino Médio da E. E. Profa. Lúcia Akemi Miya, Itapeçerica da Serra – SP.

<sup>2</sup>. Diretor da E. E. Profa. Lúcia Akemi Miya, Itapeçerica da Serra – SP. Mestre em Educação Matemática pela PUC-SP e doutorando em Ensino de Ciências e Matemática no programa de Pós-graduação da Universidade Cruzeiro do Sul.

<sup>3</sup>. Quero agradecer à Profa. Dra. Chie Hirose, que me deu a ideia do tema e me ajudou a empunhar as ferramentas de pesquisa, além de fazer oportunas sugestões e correções. Minha gratidão também ao orientador deste trabalho, Prof. Felipe de Almeida Costa, que desde o primeiro momento, como diretor da escola em que estudo, disponibilizou toda a ajuda e equipamentos necessários para a realização da pesquisa.

“empoderamento feminino”, só começa a surgir em meados da década de 10. A partir de então, instala-se vigorosamente no léxico e na luta das mulheres por redefinir seu papel em direção à igualdade de gêneros: nos planos econômico, trabalhista, social, político etc.

O empoderamento feminino é a nova palavra de ordem do movimento feminista, que concentra em si a busca de elevar o status das mulheres por meio da educação, da conscientização, formação e diversas formas de luta.

Se a palavra “empoderamento” é nova, as lutas nela compreendidas são muito mais antigas e, nesse contexto, destaca-se a comemoração do Dia Internacional da Mulher. O DIM tem por fim conscientizar e lembrar os esforços necessários para garantirmos nossos direitos mais básicos. O movimento feminista tem conquistado, ao longo de séculos, vitórias, como o voto e o trabalho e, nessa data, além de homenagear grandes nomes de mulheres ativistas, devemos lembrar que o Dia Internacional da Mulher sempre nos foi apresentado como símbolo de luta da mulher trabalhadora.

Instituições de ensino – diga-se de passagem – têm o dever de trabalhar acerca do verdadeiro significado dessa data, promovendo debates e palestras que desconstruam a perspectiva estereotipada e deturpada sobre as mulheres e seu papel na sociedade. Os salários baixos, as jornadas duplas, a violência e as desvantagens em qualquer círculo cultural ou religioso, convocam nossa vontade de mudança. O machismo estrutural do sistema de capital se beneficia desse modelo na opressão do sexo feminino enquanto visa o lucro individual, compelindo as mulheres a situações de trabalho precárias e a obrigatoriedade de seguir uma cartilha conservadora. Essa inibição nociva provém da exploração de mulheres como “seres do lar” e, com o propósito de neutralizar a força do DIM, promovem nesse dia edulcoradas celebrações do feminino, no estilo do “Dia das Mães” ou bajulando-as com o adjetivo (já banalizado) “guerreiras”, sem indicar o conteúdo concreto de nossas verdadeiras batalhas. De “heroínas” e “guerreiras”, nesse sentido manipulado, diz Brecht:

Esse autor afirma que desconfia imediatamente quando ouve dizer que um navio precisa de uma tripulação de heróis: nestes casos pergunta-se sempre se não haverá algo de errado com esse navio, se não estará meio velho ou podre (PIEPER, 2012, pp. 98-99).

Quanto à origem e estabelecimento oficial do DIM, o site da ONU informa que a celebração do DIM no dia 8 de março “está estreitamente ligado a movimentos femininos durante a Revolução Russa de 1917”. No contexto de penúria da guerra:

as mulheres na Rússia optaram por protestar e realizar greve por “Pão e Paz” no último domingo de fevereiro [do calendário ‘Juliano’ czarista (que corresponde a 8 de março no calendário gregoriano)]. Quatro dias depois, o czar abdicou e o governo provisório concedeu às mulheres o direito de votar. [...] Após a Segunda Guerra Mundial, o 8 de março passou a ser comemorado em vários países. Em 1975, durante o Ano Internacional da Mulher, as Nações Unidas começaram a celebrar o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher.  
(UNITED NATIONS)

Essa greve foi considerada por Trotsky como o próprio rastilho da revolução:

“A 23 de fevereiro [8 de março] estavam planejadas ações revolucionárias. Pela manhã, a despeito das diretivas, as operárias têxteis deixaram o trabalho de várias fábricas e enviaram delegadas para solicitarem sustentação da greve. Todas saíram às ruas e a greve foi de massas. Mas não imaginávamos que este ‘dia das mulheres’ viria a inaugurar a revolução.” (cit. em DIA INTERNACIONAL DAS MULHERES)

Essa data, 8 de março, hoje consagrada mundialmente, foi inicialmente, nos anos seguintes, celebrada somente na URSS e (em seu tempo, nos países do bloco soviético). Antes de 1917, houve nos Estados Unidos e na Europa tentativas de estabelecer um Dia Internacional da Mulher, mas sem sucesso.

No Brasil, nossas consultas na BN indicam que não há referência alguma ao Dia Internacional da Mulher até 1929. Nesse ano, somente duas notícias: a de que mulheres na República Soviética da Turkmênia, no 8 de março queimaram em praça pública queimaram seus véus e “tchadras”, “emblemas da escravidão, da ignorância e da injustiça” (“Leitura para todos” RJ, novembro de 1929). E a de que o cineasta soviético estava realizando um filme para o Dia Internacional da Mulher (“Annaes Políticos e Literários” RJ, 05-07-1929).

De 1930 a 1939, oito escassas notícias sobre o DIM; em 1937, sete jornais reproduzem uma brevíssima nota de Moscou, informando que a data foi celebrada intensamente na URSS; e o “Diário da Manhã” (PE) informa em 1936 que o DIM foi celebrado em Shangai. A mesma ausência se estende na primeira metade da década de 40: O DIM era inexistente e praticamente desconhecido no Brasil. Daí o caráter inovador que teve “O Momento Feminino”, ao enfatizar a importância dessa data.

Só a partir de 1945, com o fim da ditadura do Estado Novo, a recuperação das liberdades democráticas e o pujante retorno do PCB à legalidade (embora seu registro viesse a ser cancelado pelo TSE em 1947, no governo Dutra), começam a surgir, timidamente, eventos comemorativos do Dia Internacional da Mulher, entre nós, dentre os quais destacam-se os promovidos por “O Momento Feminino”. Arcelina Mochel foi eleita vereadora para a Câmara do Distrito Federal em janeiro de 1947 e, como tal, foi uma das promotoras das lutas pelos direitos das mulheres até que todos os parlamentares eleitos pelo PCB foram cassados em 1948 e Arcelina, sem mandato, mantém o ímpeto e as atividades, como por exemplo na fundação de “O Momento Feminino”.

Pioneiros na celebração do DIM no Brasil foram os eventos promovidos, em 8 de março de 1947 e 1948 pelo Instituto Feminino de Serviço Construtivo da Instituição Carlos Chagas (cf. p. ex. “Diário de Notícias” 11-3-47 e 07-03-1948). Na celebração de 1947 (que contou com vibrante discurso da vereadora Arcelina Machel – “Tribuna Popular”, 9-3-47), anunciou-se que Alice Tibiriçá (que viria a ser importante militante feminista), diretora do Instituto, iria representá-lo:

em Praga na então chamada Tchecoslováquia na reunião do Conselho da Federação Democrática Internacional de Mulheres – instituição com sede em Paris vinculada às feministas socialistas da Europa. (PEREIRA, p. 17)

Em 8 de março de 1949 celebrou-se a 1ª. Convenção Feminina do Distrito Federal, reunindo diversas Associações (entre as quais é de destacar a Instituição

Carlos Chagas, sua diretora Alice Tibiriçá e diversas companheiras do Instituto Feminino). (“Diário de Notícias”, 06-03-1949)

Em tópico especial trataremos da promoção do DIM por “O Momento Feminino”.

### **3. Arcelina Mochel – fundadora e diretora de “O Momento Feminino”**

Arcelina Rodrigues Mochel nasceu em São Luís do Maranhão em 27 de outubro de 1918, filha de pai descendente de alemães e teve oito irmãos: todos, homens e mulheres, estudaram e – caso raro na época e no local – fizeram faculdade.

Ainda estudante da Faculdade de Direito do Maranhão, aos 19 anos, Arcelina ocupou interinamente, de forma pioneira, o cargo de promotora pública nas comarcas de São Bento e Coroatá. Formada em Direito em 1938, passou em primeiro lugar em concurso público para promotor, mas seu nome foi preterido em favor do segundo colocado. No final de 1943, mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital da República. (PCB, 2016)

Sobre a injustiça sofrida pela jovem Arcelina, que obteve o primeiro lugar no concurso, mas não o cargo de promotora, diz Rafaela Fraga:

As contradições consequentes das desigualdades de gênero em nossa sociedade patriarcal se revelavam a Arcelina para muito além dos seus estudos sobre o assunto: ao ser aprovada em 1º lugar no concurso para o cargo efetivo de promotora pública, foi substituída em sua posição pelo segundo colocado, um homem. Como já mencionado, Arcelina foi a primeira mulher a ocupar tal categoria, fato que, certamente, causou incômodo ao funcionalismo local, capaz de cometer tamanha arbitrariedade. Tal acontecimento mudou a vida desta mulher que se tornou figura histórica na luta política brasileira: diante do ocorrido, resolveu mudar-se do Maranhão para o Rio de Janeiro, chegando à capital do país em 1943. Lá, ela se envolveu com maior profundidade na luta organizada através do Partido Comunista Brasileiro (FRAGA, 2021).

Arcelina foi uma importante militante nas décadas de 1940 e 1950, por seu protagonismo à frente do movimento de mulheres, das lutas populares e de seu combativo jornalismo. Foi eleita vereadora em janeiro de 1947 pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro) e foi líder da bancada comunista na Câmara Municipal do Distrito Federal.

Participou ativamente da luta pelas liberdades democráticas e pelo fim da ditadura do Estado Novo. Dona de excelente oratória, abraçou a causa da libertação feminina, tendo sido uma das fundadoras, em 1947, do jornal **Momento Feminino**, sustentado basicamente pelas militantes comunistas. O periódico, que circulou nacionalmente durante dez anos,

pregava a cidadania feminina e divulgava a luta contra a carestia e em defesa da paz. (PCB, 2016)



“Santinho” de campanha. <https://omomento.org/a-memoria-de-arcelina-mochel/>

Para se ter uma ideia da importância do ativismo de Arcelina Mochel, basta dizer que, pesquisando na BN, seu nome aparece em 484 páginas de 37 jornais e revistas dos mais diversos estados do país. Significativo é o fato de que ela é alvo de ataques por parte da imprensa conservadora. Por exemplo, diz um jornal tradicionalista católico:

Dando cumprimento a esta determinação [do PCB, a serviço de Moscou], dever-se-iam realizar duas grandes concentrações e passeatas, das “donas de casa” e dos “estudantes”. A primeira, sob os auspícios do “Instituto de Serviço Construtivo (Departamento Feminino)” que dirigido por Arcelina Mochel, Alice Tibiriçá [e outras], coordena as “Uniãoes femininas”, retransmitindo-lhes as ordens do Partido [Comunista] só teoricamente extinto (“A Cruz”, 7 de março de 1948)

Simpática e carismática, recolhemos, a título de curiosidade, que Arcelina foi a escolhida entre todos os seus colegas de Câmara para entregar o troféu de artilheiro para o Torneio de Futebol do Estácio (“Jornal dos Sports”, 10-08-1947).

Com o cancelamento do PCB e seu mandato cassado, com a forte repressão sobre os membros do Partido, Arcelina mantém – dentro do possível – sua intensa atividade:

Arcelina passou a privilegiar o movimento pelos direitos femininos, contribuindo para a criação de organizações comunitárias de mulheres nos bairros do Rio de Janeiro, comitês que se disseminaram em todo o país, demonstrando a força das reivindicações das mulheres naquela época.

Em maio de 1949, Arcelina liderou a fundação da Federação de Mulheres do Brasil, entidade que congregou organizações de mulheres de 11 estados brasileiros. Na condição de primeira secretária-geral, viajou o Brasil para divulgar as bandeiras da Federação e participou de vários congressos na Europa, sendo sempre muito aplaudida por seus discursos vibrantes. (PCB, 2016)

Arcelina se casou com Masao Goto, cientista da Fundação Oswaldo Cruz (que viria a ser cassado pela ditadura militar) e com ele teve seis filhos.

Em 1964, junto com as agruras do golpe militar, Arcelina, com problemas de saúde, afastou-se da militância política, mas continuou solidária aos companheiros, abrigando em sua casa, muitos amigos perseguidos.

Vítima de um aneurisma cerebral, faleceu no Rio de Janeiro, em agosto de 1974.

#### 4. “O Momento Feminino”

Para os dados da apresentação da revista “O Momento Feminino” – fundada e dirigida por Arcelina Mochel –, não vemos inconveniente em recolher essas informações básicas do estudo tematicamente dedicado a nosso periódico, de autoria de ALVES (2019, pp. 266-267):

Sexta-feira, 25 de julho de 1947; saía nas bancas a primeira edição do semanário *Momento Feminino*, periódico “fundado, dirigido e redigido por mulheres” (Diário de Notícias, 12/08/1947, p. 3, seção 2). O subtítulo -“um jornal para seu lar” - indicava que mais uma revista direcionada aos “assuntos femininos” estava saindo do forno. Em suas páginas o público encontrará dicas de beleza, maternidade, cuidados com o lar, corte e costura entre outros temas comuns aos periódicos para mulheres. No entanto, foi além das prendas domésticas e dicas de beleza, assumindo a tarefa de contribuir com a formação política das leitoras. Circulou até 1956 com uma regularidade variável. Até Janeiro de 1948 foi às ruas semanalmente. Em 1949 tornou-se mensal, com quebras de regularidade. Em momentos especiais, saía mais de uma vez por mês, outras vezes ficava mais tempo fora de circulação. No ano seguinte as publicações tornaram-se ainda mais irregulares, mas circulou, no mínimo, uma vez por mês.

A partir de 1952 as dificuldades de colocá-lo nas ruas tornaram-se mais aparentes. Em alguns momentos foi preciso reduzir o número de publicações e, às vezes, o número de páginas. Nos dois últimos anos não conseguimos precisar a regularidade, em função dos limites do próprio arquivo, que aparentemente não armazena alguns números. Normalmente, possui de 8 a 10 páginas em tamanho tablóide. Era estruturado como uma revista. Possuía uma capa com grandes imagens (desenhos ou fotografias) ou poemas em homenagem às mulheres e crianças.

A iniciativa de fundar o jornal partiu de mulheres ligadas ao Partido Comunista do Brasil que mais tarde, em 1961, passou a se chamar Partido Comunista Brasileiro (PCB). No entanto, entre suas colaboradoras havia mulheres de outras correntes políticas [...] Mas a diretoria era praticamente toda pecebista. A direção geral coube a Arcelina Mochel (1918-1974), que entre 1946 e 1948 também atuou como vereadora do Rio de Janeiro pelo PCB [...] e praticamente toda a diretoria era comunista.

Vinculado a um partido politicamente estigmatizado em função do anticomunismo, *Momento Feminino* se empenhou, não sem tensões e

contradições, em imbricar a luta pela emancipação das mulheres à luta de classes.

É interessante notar que o fato de constar no nome do periódico que estamos estudando a expressão “O Momento” é, na verdade, uma alusão, já que precisamente “O Momento” era o nome de um importante jornal (datado de 1945) do Partido Comunista Brasileiro ([https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Momento](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Momento)). Sugeriria-se assim um alinhamento: uma versão feminina do conhecido co-irmão...



Os propósitos de “O Momento Feminino” são claramente expostos no Editorial do No. 1, “Nossos Problemas”, assinado por Arcelina Mochel. Nele, ao apresentar o periódico, Arcelina destaca que “quando avultam os problemas do povo brasileiro” o OMF será um “órgão de luta auxiliar de todas as mulheres”, “uma poderosa arma na imprensa capaz de atrair as mulheres dos mais escondidos recantos brasileiros”. A seguir, registra que antes as mulheres estavam unidas em assuntos sentimentais ou sociais mundanos, raramente intelectuais ou artísticos. Mas, agora, é inevitável a participação ativa no país (sem excluir os assuntos sentimentais ou sociais mundanos).

Daí que Arcelina, nesse editorial, proclame a necessidade do incontornável protagonismo da mulher na imprensa, na vanguarda dos movimentos progressistas e propõe o OMF como uma base de diálogo, que incluía as mulheres em discussões políticas e intelectuais, levando assuntos, antes distantes do poder feminino, a mulheres de todas as regiões, agora convidadas a lutarem por seus direitos mais básicos. Arcelina pondera que a união das mulheres sempre foi algo natural, e que, no momento atual, a solidariedade e a empatia devem ser a prioridade: o OMF disponibiliza para as mulheres um meio de “troca de idéias sobre nossos problemas, nossos direitos, nossa liberdade”.

O Momento Feminino virá a desempenhar um papel fundamental no combate por exemplo do analfabetismo e de tantas questões sociais que “ainda afligem o Brasil”, como fome, saúde, educação e o encarecimento da vida.

O jornalismo feito por mulheres e para mulheres será de grande importância nas lutas contra a opressão: “que possamos juntas vencer os sofrimentos e conquistar a tranquilidade”. E conclui: “MOMENTO FEMININO refletirá força e energia, trabalho e vigilância, compreensão e altivez, porque está certo de que assim define a atitude da mulher brasileira”.

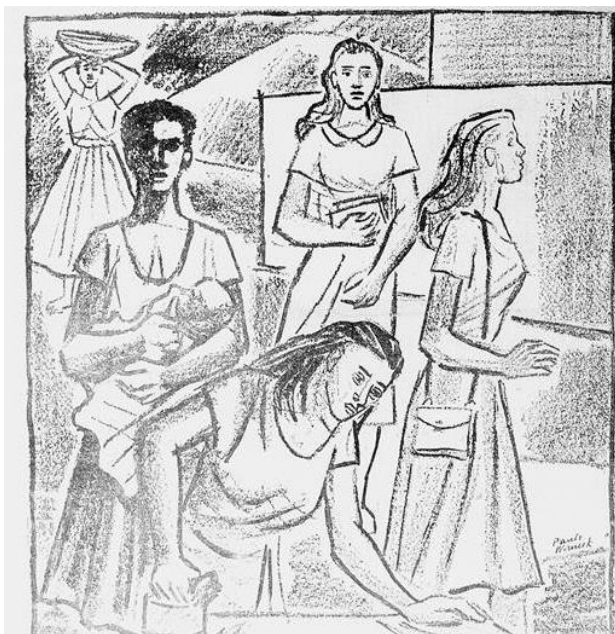


Ilustração da capa do No. 1 de OMF

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=118800&pesq=&pagfis=1>

## 5. “O Momento Feminino” e o Dia Internacional da Mulher

Uma das características marcantes e históricas é que “O Momento Feminino” foi o primeiro jornal brasileiro a promover o Dia Internacional da Mulher como uma necessidade para a conscientização das desigualdades de gênero e homenagem às mulheres da classe trabalhadora. A revista mostra a importância de um jornal feminino de amplitude nacional como mobilizador de mulheres de várias classes sociais, tratando temas tão necessários para essa parte do corpo social marginalizada.

Assim, já em 1949, encontraremos, exortações (inexistentes no resto da imprensa) como:

Viva o Dia Internacional da Mulher! Viva a luta unida de todas as mulheres a favor da Paz! (Edição 39, 25-03-1949)

Ou

O Dia Internacional da Mulher pela Paz. Em todos os países do mundo, desde as grandes cidades até as menores aldeias, devemos ir de rua em



rua, de casa em casa, para divulgar o Manifesto pela defesa da Paz! NOSSAS FORÇAS SÃO IMENSAS! TODAS UNIDAS ganharemos a batalha pela PAZ e a LIBERDADE. (Edição 56).

Em “O Momento Feminino”, é uma constante ver o DIM associado à Paz (/ democracia / liberdade etc.), em sentido mais ou menos restrito. A matéria da citação acima reproduz trechos do Manifesto pela Defesa da Paz, adotado por unanimidade no 2º Congresso da Federação Democrática Internacional (FDIM) em Budapeste, Hungria, em dezembro de 1948. O documento – em nome de 80 milhões mulheres de 56 países pelo dia 8 de março – conclama todas as mulheres a se posicionarem contra a guerra e as intervenções militares na Grécia, China, Vietnã, Indonésia, Malásia e Coreia do Sul: “Levantemo-nos, todas unidas, para defender a paz! Organizemos comícios, manifestações, recolhemos assinaturas exigindo pela paz e denunciando os planos criminosos de agressão”.

Por sua importância e por representar todo um compêndio do pensamento de “O Momento Feminino” sobre o Dia Internacional da Mulher, vale a pena recolher o fac-símile de “Nossos Problemas”, de Arcelina Mochel (24-02-1950). Nele chamamos a atenção para os seguintes pontos programáticos:

- Reafirma o DIM como luta pela paz



Capa do No. 65, 24-02-1950

- Arcelina se diz em diálogo com as mulheres do povo: nos bondes, ruas e subúrbios

- As mulheres do povo lhe expressam sua alegria pela luta em direção a conquistas (melhores salários, vida barata etc.) , mas o objetivo maior é a paz mundial

- O DIM não pode ser um dia a mais no calendário, mas ocasião de arrigementar mais mulheres para a causa e promover comícios, desfiles etc.


- Os inimigos têm medo de nossa força, mas apesar da violência e da repressão, não devemos ter medo

- O DIM é o coroamento de nossa luta e venceremos



## NOSSOS PROBLEMAS

ARCELINA MOCHEL



O 8 de março será uma jornada de lutas pela paz, fundamentalmente.

Não estamos esquecidas do que representou esse dia consagrado à mulher, para o mundo inteiro, nas comemorações do ano passado. Ainda hoje repercutem as lutas femininas de todos os países e principalmente entre as italianas, as francesas e as incansáveis batalhadoras dos países semicolônias.

Agora mesmo ouvimos os alegres comentários de muitas amigas daqui, que já conversam, quer nos bondes ou nas ruas sobre o próximo 8 de março. Ontem, falando com várias mulheres dos bairros e subúrbios, ouvi como deveríamos comemorar no Brasil a data internacional da mulher.

Elas mesmas, numa linguagem simples e sincera, fizeram do 8 de março uma data de gloriosas lutas femininas e de trabalhos incessantes por grandes conquistas: melhores salários, vida barata, garantias democráticas e contra a intromissão de agentes ianques em nossa Pátria, como mister Kannan, cuja chegada ao Brasil está anunciada para 1.º de março.

Antes de tudo porém, devemos unir mais nossas forças pela paz mundial.

Antes de tudo porém, a data internacional da mulher não pode ser um dia comum no nosso calendário, mas uma data em que devemos levar às organizações femininas o maior número de novas associadas, que têm os mesmos problemas que nós; em que realizaremos comícios, desfiles e atos públicos de protesto contra a vida cara; em que exigiremos a redução de armamentos e a proibição da arma atômica, como garantia de um mundo feliz para nossos filhos.

Nossos inimigos têm consciência da força crescente das mulheres organizaças e, por isso, fazem repressão e violência. Devemos ter medo e cruzar os braços? Claro que não, a razão está conosco, porque nós defendemos a nossa vida e a de nossos filhos.

Amamos a paz e desejamos a tranquilidade em nossos lares e não o luto e a orfandade. Por isso faremos do 8 de março o coroamento de nossas lutas, com audácia, sem vacilações, com amor à nossa vida. E venceremos.

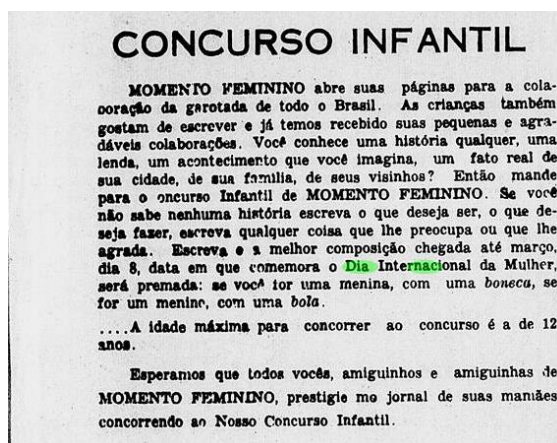
Salve 8 de março, dia internacional da mulher!



Para o DIM de fevereiro 1951, Arcelina (agora assinando como casada: Arcelina Mochel Goto) escreve “O nosso 8 de março garantirá o direito à vida”, no qual reafirma a luta pela paz, protestando contra o encarecimento do custo de vida no Brasil, por conta do apoio aos americanos na Guerra da Coreia, também em detrimento de reivindicações urgentes das mulheres: mais escolas, creches etc.

Em 1956 (No. 116), temos a última das 22 referências de “O Momento Feminino” ao DIM, uma reduzidíssima nota, indicando que a Federação das Mulheres do Brasil determinou (ovviamente): “Comemorar o 8 de março – Dia Internacional da Mulher”.

É interessante notar que, além de noticiar e convocar para celebrações e manifestações do DIM, “O Momento Feminino” também lança mão de formas criativas para ajudar à consolidação dessa data, como a publicação de poemas (p. ex. no No. 98, 1953) e até de um concurso infantil (No. 89, 1851):



## 6. Considerações finais

Ao concluir este trabalho, esperamos ter esclarecido o importantíssimo papel de “O Momento Feminino” e o de sua fundadora Arcelina Mochel nas lutas feministas no Brasil. Por razões de delimitação, privilegiamos a relação entre o OMF e o estabelecimento da data do DIM, destacando o caráter absolutamente pioneiro da revista e de sua diretora nessa importante tarefa, muito antes da ONU e do calendário oficial brasileiro consagrarem o dia 8 de março como DIM.

O papel pioneiro de Arcelina Mochel, como jornalista e editora, cresce ainda mais quando consideramos que sua ação nesse campo não só tratava com extraordinária lucidez os problemas nacionais, como também iluminava-os trazendo para nossa realidade as lutas das mulheres no âmbito internacional, traduzindo para nosso movimento feminista reivindicações pertinentes das mulheres de todo o mundo. À frente do OMF teve o extraordinário mérito de abrir espaço para que as matérias do jornal fossem escritas por mulheres, fato especialmente notável para a época.

Finalmente, destacamos o fato de que por meio da celebração do Dia Internacional da Mulher no Brasil, o OMF pautou eficazmente todas as lutas feministas da época, como por exemplo, como vimos, em 8 de março de 1949 a 1ª. Convenção Feminina do Distrito Federal.

## Referências Bibliográficas

**ALVES, Iracélli da Cruz.** Nice Figueiredo, *Momento Feminino* e o debate feminista no Brasil. Saeculum – Revista de História n. 40, pp. 265-288; João Pessoa, jan-jun 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/44210/22902>. Acesso em 02-04-2022.

**DIA INTERNACIONAL DAS MULHERES** - Wikipedia [https://pt.wikipedia.org/wiki/Dia\\_Internacional\\_das\\_Mulheres](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_Internacional_das_Mulheres). Acesso em 02-04-2022

**FRAGA, Rafaela.** À Memória de Arcelina Mochel. Disponível em: <https://omomento.org/a-memoria-de-arcelina-mochel/>. Acesso em 09-04-2022.

**PCB (Partido Comunista Brasileiro).** Arcelina Mochel, mulher comunista: “Nossa luta só cessará quando conquistarmos a nossa liberdade”. 14-07-2016. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/11457>. Acesso em 02-04-2022.

**PEREIRA, Andréa** Ledig de Carvalho. Revista Dia-logos, v. 10, pp. 10-19, jan-jun 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/dialogos/article/download/26719/19090>. Acesso em 02-04-2022.

**PIEPER, Josef.** As virtudes cardeais revisitadas. International Studies on Law & Education n. 11, pp. 95-101, 2012. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle11/95-101Pieper.pdf>. Acesso em 02-04-2022.

**UNITED NATIONS.** International Women's Day 8 March. <https://www.un.org/en/observances/womens-day/background>. Acesso em 02-04-2022

Recebido para publicação em 12-06-22; aceito em 24-07-22